

Corpos Desviantes E Prostituição: Um Estudo Comparativo Do Tema Em Obras Nacionais E Etnográficas

Profa. Amanda Gomes Pereira
Dra. Em Ciências Sociais Ppcis/Uerj
Universidade Federal Do Maranhão

Ramisson Corrêa Ramos
Mestre Em Cultura E Sociedade
Ufma – Universidade Federal Do Maranhão

Suelen Cipriano Milhomem Dantas
Mestra Em Cultura E Sociedade
Ufma – Universidade Federal Do Maranhão

Nyedja Rejane Tavares Lima
Mestra Em Cultura E Sociedade
Ufma – Universidade Federal Do Maranhão

Resumo:

O intuito deste trabalho é refletir acerca de como a prostituição é retratada em dois textos literários nacionais - “Lucíola” de José de Alencar, e “Amar, Verbo Intransitivo” – no contexto socioeconômico e histórico do final do século XIX, início do século XX, bem como no cotidiano real de profissionais do sexo em duas cidades brasileiras – São Bernardo/MA e Juiz de Fora/MG, localizadas em regiões geofísicas e econômicas diferentes do Brasil. Desse modo, as diferentes narrativas que perpassam o universo da prostituição, seu *modus operandi*, o processo de marginalização dos atores, a obrigatoriedade de “limpeza sanitária” praticada pela estrutura social heteronormativa eugenista nacional, serão postas em análise, a partir de pesquisa etnográfica, pesquisa de campo e coleta de dados e observação participante.

Palavras-chave: Corpos desviantes. Marginalização. Etnografia. Prostituição

Date of Submission: 28-05-2024

Date of Acceptance: 08-06-2024

I. Introdução

O estudo sobre prostituição no Brasil nos demonstra que esse é um tema multifacetado e que tem despertado interesse de pesquisadores das mais diversas áreas, uma vez que a vivência em tal ambiente dialoga com as ciências sociais, etnografia, cultura e economia. A fim de tecer um comparativo de como tal é retratada na literatura brasileira, se fez pertinente, pelo seu caráter interdisciplinar, a análise das obras *Lucíola*, de José de Alencar, e *Amar, Verbo Intransitivo*, de Mario de Andrade, e como é a realidade de um ambiente de prostituição, a partir de pesquisa participante e de campo, (bares/boites) em duas cidades diferentes (Maranhão e Minas Gerais), com estudo e influência das teorias interacionistas, estudos de gênero e da Escola de Chicago, a partir de autores renomados como Adriana Piscitelli, Clifford Geertz, Elisiane Pasisi, Joan Scott, Lúcia Rangel, Margareth Rago, Michel Foucault, dentre outros, que são essenciais para compreendermos os aspectos cruciais do tema.

Desse modo, o intuito do presente trabalho é refletir acerca de como a prostituição é retratada em dois textos literários nacionais mencionados, em seus contextos socioeconômicos e histórico, bem como acerca do cotidiano real de profissionais do sexo em duas cidades brasileiras – São Bernardo/MA e Juiz de Fora/MG, localizadas em regiões geofísicas e econômicas diferentes do Brasil. Portanto, essas diferentes narrativas que perpassam o universo da prostituição, seu *modus operandi*, o processo de marginalização dos atores, a

obrigatoriedade de “limpeza sanitária” praticada pela estrutura social heteronormativa eugenista nacional, serão postas em análise, a partir da pesquisa etnográfica, de campo e coleta de dados.

II. Estudo Sobre A Prostituição Brasileira E Marginalização Social

A prostituição é uma prática milenar (cujos relatos advêm de antes da escrita)¹ relatadas nos registros do historiador grego Heródoto, do século V a.C (Murphy, 1994), por isso, verifica-se que os estudos sobre essa temática foram e são abordados por variados enfoques analíticos em diferentes períodos históricos. Inclusive, vê-se inúmeras modalidades e sujeitos da prostituição – em estabelecimentos; nas ruas e acompanhantes com encontros marcados por redes sociais; prostituição de travestis, de homens e mulheres *cis* e *trans*.

No Brasil, conforme Ramos (2023), os saberes médicos e jurídicos foram os primeiros a relatar sobre a prostituição (no início do século XX) cujas mudanças sociais no momento eram voltadas para o desenvolvimento urbano-industrial das grandes cidades, das políticas arraigadas e atreladas a perspectivas sanitaristas e higienistas nos grandes centros do país. Em vista disso, a historiadora Margareth Rago (1997) nos sinaliza o corpo social da época, que era baseado em perspectivas moralizantes pelos sanitaristas:

[...] Indícios de uma anormalidade social, as práticas populares de vida e lazer dos trabalhadores fabris, dos improdutivos, dos pobres, das mulheres públicas, das crianças que vagueiam abandonadas nas ruas vão se tornando objeto de profunda preocupação de médicos-higienistas, de autoridades públicas, de setores da burguesia industrial, de filantropos e reformadores sociais, nas décadas iniciais do século XX. [...] Percebidos como selvagens, ignorantes, incivilizados, rudes, feios e grevistas, sobre os trabalhadores urbanos que impõem a classe operária em formação nos incios da industrialização no Brasil constitui-se paulatinamente uma *vasta empresa de moralização* (1997, p. 11-12, grifo da autora).

A autora trata que haviam discursos e ferramentas de controle e de “limpeza” dos grandes centros urbanos e os sanitaristas geraram estratégias de repressões contra “esses atores sociais indesejados” para fins de uma tentativa de exclusão deles do tecido social. Michel Foucault também argumenta (2018, p. 152, grifo dos autores):

[...] o desenvolvimento dos grandes aparelhos de Estado, como *instituições* de poder, garantiu a manutenção das relações de produção, os rudimentos anátomo de biopolítica, inventados no século XVIII como *técnicas* de poder presentes em todos os níveis do corpo social e utilizadas por instituições bem diversas.

Importante anotar o que traz Foucault em sua obra, uma vez que destaca que, em núcleos sociais como família, escola, ou uma consulta / pesquisa de medicina individual ou na administração das coletividades, dispositivos de poder costumam surgir visando exercer o controle sobre os corpos (Foucault, 2018). Portanto, a teoria do médico francês se tornou uma das principais influências nas tendências sanitaristas e policiais brasileiras do período, pois o sexo e a sexualidade não ficam de fora dessa tentativa de disciplina e controle, muito menos a prática da prostituição. Candido Motta, secretário de polícia em São Paulo no ano de 1897 é citado por Rago (1997, p. 11-12, grifo dos autores):

Assim como a masturbação, a prostituição é classificada pelo saber médico e criminológico como “vício”, “fermento corrosivo lançado no grêmio social”, que tende a alastrar-se e a corromper todo o corpo social. “A tendência natural do vício é de alastrar-se n’um *crescendo* que tudo levará de vencida, se não se lhe opuser uma barreira, que contenha ímpeto” [...]

Desse modo, ao passo que se tentava compreender sobre as trabalhadoras sexuais e a prostituição, simultaneamente a esses papéis marginais, existem na sociedade, em lado oposto: a mulher honrada, a esposa devotada, a mãe e a dona-de-casa. “Neste contexto, o discurso é de que a prostituição apresenta uma clara funcionalidade: assegurar a honra das “mulheres de família” diante da incontrolável pulsão sexual masculina. Dias afirmava que a prostituta, então, era o corpo necessário pois nele se extravasaria esses impulsos e garantiria a ordem social” (Dias, 2013, p. 21).

A urbanização e o crescimento socioeconômico da cidade, diante da estruturação social “tradicional” (leia-se eugênica, heteronormativa e binária) distribuía as atividades em masculinas e femininas, com o início de trabalho das mulheres de várias classes sociais nas fábricas, escritórios, escolas, comércio ou nos serviços de infra-estrutura urbana (sempre subordinado a homens que estariam em posições de poder), a figura da prostituta emergia como um poderoso *fantasma* no imaginário social. Contra ela, Rago (2008) afirma que se levantaram as vozes competentes dos homens cultos - que advertiam contra os perigos de contaminação física e moral; as feministas, preocupadas em conquistar o direito de ingresso na esfera pública, sem a identificação com a licenciosidade das “mulheres alegres”; as famílias “respeitáveis”, reivindicando maior controle e censura da moralidade pública (Rago, 2008, p. 42)

¹ As mulheres da Babilônia, deveriam ir ao Templo de Milita, tanto as de alta linhagem como as humildes eram obrigadas a cumprir o rito - cada uma, para valer-se de seu lugar no templo -, as mulheres não podiam mais sair enquanto os clientes não jogassem uma moeda de prata na direção delas, “em nome da deusa Milita”.

Já nos anos 20, do século XX, o combate e controle da prostituição era visto como “um mal necessário”, por isso, décadas mais tarde, ocorre o confinamento da prostituição em estabelecimentos fixos e localizados em áreas específicas das cidades, conforme Pereira (2014, p. 223, grifo da autora):

A adoção desse modelo pelo Brasil é extremamente paradoxal visto que, no país, o exercício da prostituição na rua, de todas as modalidades, é a que elas agenciam de modo mais livre, sem “exploradores diretos”, como os donos de casas de “shows”. Ironicamente, é a prática mais combatida. Diversas cidades brasileiras, na década de 40 sobretudo, foram alvos de legislações que, por medida sanitarista, retiravam as prostitutas das ruas centrais da cidade, obrigando-as a se destinarem a prostituição praticada em cabarés, casas de shows, *boites*.

O confinamento da prática da prostituição em um ambiente (e não a “céu aberto”) serviria para “limpar” as cidades, tornando-as também moralmente convidativas para convivência, turismo e transações comerciais, bem como trata Mazzariol (1976), tais profissionais confinadas assim manteriam a estabilidade familiar. Neste contexto, os órgãos legisladores, a polícia e outras instâncias, dão início a uma espécie de *cruzada moral*² à prostituição de rua, obrigando as garotas de programa ao confinamento em bares e/ou bordéis em áreas e regiões das cidades previamente definidas como próprias para essa prática, exemplo disso foi o que ocorreu na cidade de Campinas - São Paulo, cujos espaços destinados a essa prática ficaram fora do perímetro urbano (a partir da “Operação Limpeza” com início nos anos 60) (Mazzariol, 1976).

Cabe anotar que os estudos influenciados pela Escola de Chicago³ influencia o meio acadêmico brasileiro, pois na primeira metade dos anos 70 aos anos 80, os estudos sobre prostituição foram alocados nas Ciências Sociais - *interacionista*⁴, cujos principais pesquisadores foram Howard Becker e Erving Goffman (Ramos, 2023). A influência da Escola de Chicago sobre estudos da prostituição brasileira na década de 80, segundo Pereira (2010), permitiu denominar a prática como “*desviante*”. (Pereira, 2010, p. 48, grifo da autora).

Apesar da prática da prostituição ser considerada uma atividade milenar, os estudos sobre esse tema são recentes e foram influenciados pelas pesquisas de gênero. Esses primeiros estudos destacavam a necessidade de analisar historicamente as origens da dominação masculina e delimitar a história da mulher no Ocidente:

Desde os estudos ‘foucaultianos’, se tornou central nas Ciências Sociais a discussão sobre o caráter histórico, contextual e construtivista das relações sociais, fomentada pelos questionamentos vinculados às relações de gênero, tanto no meio científico – social e médico – como nas discussões de senso comum. Os diversos valores que transcorrem as relações humanas não são naturais e nem possuem uma essência, mas se definem historicamente em diferentes contextos sociais. Dessa maneira, as noções sobre sexualidade são multifacetadas dentro de uma mesma cultura quando inserimos variáveis de análise como classe social, faixa etária, etc. Isso sem falarmos da gama de particularidades encontradas quando comparamos culturas diferentes. (Pereira, 2014, p. 2)

Deste modo, destaca Pereira (2014) que a categoria gênero foi introduzida visando um aprofundamento teórico-metodológico e para indicar o caráter social das relações de gênero, até então essencialmente atreladas à biologia. Ainda, a autora Gayle Rubin (1993) em seu texto “O tráfico de mulheres: a economia política do sexo”

² A partir de Howard Becker, ele define esses indivíduos ou grupos como um reformador cruzado: “Ele está interessado no conteúdo das regras. As existentes não o satisfazem porque há algum mal que o perturba profundamente. Ele julga que se façam regras para corrigi-lo. Opera com uma ética absoluta; o que vê é total e verdadeiramente mal sem nenhuma qualificação. Qualquer meio é válido para extirpá-lo.” (Becker, 2008, p.153).

³ A escola de Chicago foi criada em 1895, com uma grande doação do milionário americano John d. Rockefeller e é uma das mais renomadas acerca do pensamento sociológico mundialmente, sendo o nascedouro da sociologia americana. Passaram por esta instituição pesquisadores, como por exemplo: Robert E. Park, William Foote Whyte, Howard Becker e Erving Goffman; tendo como ênfase o estudo das cidades e seus fenômenos.

⁴ Conforme Becker, sobre a Escola de Chicago: “[...] para nós a unidade básica de estudo era a interação social, pessoas que se reúnem para fazer coisas em comum – exemplificando com um tema antropológico, para constituir uma família, para criar um sistema de parentesco. Disso decorre que um sistema de parentesco é formado pelas ações de pessoas que fazem as coisas que se supõe que parentes devam fazer, e que, enquanto o fizerem, teremos um sistema de parentesco. Quando não o fizerem mais, o sistema de parentesco se torna outra coisa. Portanto, o que nos interessava eram os modos de interação, especialmente as interações repetitivas das pessoas, modos estes que permanecem os mesmos dias após dia, semana após semana. Às vezes, esses modos de agir se alteram substancialmente, devido a uma revolução ou desastre natural, mas, outras vezes, a mudança se dá muito lentamente, à medida que as circunstâncias se modificam.” (Becker, 1996, p. 183)

pontua que a noção sexo/gênero é um termo neutro, indicando simultaneamente que a opressão não é inevitável neste domínio, mas sim produto das relações sociais específicas que a organizam.

Rubin (1993), ao descrever o processo pelo qual as mulheres são trocadas ou ofertadas em casamento pelos próprios parentes do sexo masculino, em uma lógica que as coisifica em diferentes arranjos, demonstra que não são relações de homens e mulheres que se objetificam. Desse modo, a prática da prostituição em si não torna uma mulher mais objeto do que quando ela é tratada como mercadoria no mercado matrimonial ou rede de consanguinidades e afins:

Certa vez Marx perguntou: O que é um escravo negro? Ele se torna um escravo somente em certas relações. Uma máquina de fiar algodão Jeny, é uma máquina de fiar algodão. Ela só se torna capital em certas relações. Retiradas dessas relações não é mais um capital, assim como o ouro em si não é dinheiro, ou açúcar não é preço de açúcar (MARX, 1971b: 28). Poder-se-ia parafrasear: O que é uma mulher domesticada? Uma fêmea da espécie. Uma explicação é tão boa quanto a outra. Uma mulher é uma mulher. Ela só se torna doméstica, uma esposa, uma mercadoria, coelhinha, uma prostituta ou uma ditafone humano em certas relações (Rubin, 1993, p. 2)

Assim, Rubin (1993) destaca que se cristalizou uma representação social da mulher enquanto mercadoria. A troca das mulheres segundo Lévi-Strauss (1982) é um sistema poderoso e sedutor, pois ele coloca as mulheres dentro de um sistema social em que ela é considerada sempre a mercadoria de troca.

Cabe ressaltar que, estudar prostituição é adentrar em um campo permeado por *tabu*⁵. Para muitas sociedades que veem esse universo como desviante, essas mulheres não se enquadram dentro dos padrões exigidos dentro de um grupo. Tais regras sociais permeiam o que deve ser “padrão” e quem não as segue, como disruptivo.

Retomando, a prática da prostituição está permeada por ambiguidades. Foi, ao longo da história, durante as diferentes eras negligenciada pelas políticas públicas, depois isolada, através das políticas sanitaristas; contudo, retratada com fascínio em obras literárias, quadros e canções, sendo conhecida como a “profissão mais antiga do mundo” – como vamos verificar mais adiante.

Obra: Lucíola, de 1862, José de Alencar

Lucíola é uma das obras mais conhecidas do movimento literário do romantismo brasileiro. O romance conta a história de amor entre Paulo, um jovem advogado, e Maria da Glória, conhecida como Lúcia ou Lucíola, uma cortesã. O cenário é o Rio de Janeiro do século XIX, com narração sensível e complexa das questões morais, sociais e emocionais. O autor retrata Lucíola como uma personagem carregada de estereótipos, mas também, como uma mulher com desejos, anseios e conflitos.

Ao longo do romance, José de Alencar explora os motivos que a levaram adentrar a prostituição, as circunstâncias sociais, econômicas e culturais de sua trajetória. Por meio de 'Lucíola', os conflitos entre os personagens são determinados pelo confronto do indivíduo com aquela sociedade, o autor realiza uma crítica implícita uma vez que os valores discutidos na obra não são apenas da comunidade, mas estão introjados nos protagonistas.

Obra: Amar, Verbo intransitivo, de 1927, Mário de Andrade

"Amar, Verbo Intransitivo" é uma das obras mais conhecidas da literatura brasileira, escrita por Mário de Andrade e publicada em 1927. O romance é um exemplo do movimento modernista brasileiro, com uma narrativa singular que aborda questões como sexualidade, desejo, moralidade e poder.

A trama se passa na cidade de São Paulo e o autor narra a iniciação sexual e amorosa do jovem Carlos. Seu pai, Felisberto Sousa e Costa, contrata Elza (quase sempre chamada de “Fräulein”) para tal, no entanto, ela usa como estratégia de sedução, ensinar alemão a Carlos e suas três irmãs menores. Através da história de Eulália, observa-se uma reflexão profunda sobre os conflitos internos e externos enfrentados pelos indivíduos em sua busca pelo amor e pela identidade, as tensões psicológicas e emocionais entre os personagens, as questões de classe e poder que permeiam a sociedade da época.

III. O Cotidiano De Dois Ambientes De Prostituição A Partir Da Pesquisa Etnográfica

As duas pesquisas apresentadas, de forma breve, neste texto, utilizaram pesquisa etnográfica, com pesquisa de campo e coleta de dados, a partir descrições e observação participante. As pesquisas ocorreram em

⁵ Definição de Adorno (2006): “[...] significa a meu ver, representações inconscientes ou pré-conscientes dos eventuais”. Adiante o autor acrescenta que são: “sedimentações coletivas de representações que perderam sua base real, conservando-se, porém, com muita tenacidade como preconceitos psicológicos e sociais, que por sua vez retroagem sobre a realidade convertendo-se em forças reais”.

duas cidades e estados distintos – São Bernardo/ MA e Juiz de Fora/ Minas Gerais –, ou seja, em contexto sociais e históricos diversos, porém que dialogam em muitos aspectos.

Salienta-se que, o intuito das pesquisas é obter material para descrever como se constroem as relações entre cliente e garota de programa e suas conexões, tentando compreender como o cliente percebe a atividade e a forma como ele se insere nesse mercado, quais os acordos/trocas simbólicas definem essa relação.

A pesquisa de campo é definida pelo envolvimento e identificação do pesquisador com os atores sociais, ou seja, o pesquisador se relaciona com os atores que serão investigados ou analisados, porém, com certo grau de distanciamento. Usando do olhar etnográfico, dentro de uma perspectiva sociológica e antropológica.

Apesar dessa observação participante ter alcançado sua forma mais consolidada na investigação etnológica, junto a populações agrafas e de pequena escala, isso não significa que ela não ocorra no exercício da pesquisa com segmentos urbanos ou rurais da sociedade a que pertence o próprio antropólogo. [...] Os atos de olhar e de ouvir são, a rigor, funções de um gênero de observação muito peculiar- isto e, peculiar a antropologia -, por meio da qual o pesquisador busca interpretar – ou compreender - a sociedade e a cultura do outro "de dentro", em sua verdadeira interioridade. Ao tentar penetrar em formas de vida que lhe são estranhas, a vivencia que delas passa a ter cumpre uma função estratégica no ato de elaboração do texto, uma vez que essa vivencia – só assegurada pela observação participante "estando lá" - passa a ser evocada durante toda a interpretação do material etnográfico no processo de sua inscrição no discurso da disciplina[...]. (Oliveira, 2000, p.34).

A partir da descrição densa da antropologia geertziana e da sociologia compreensiva de Weber (Alemanha, 1864-1920) iremos descrever e compreender como são construídas as relações que se mostram, e como se mostram, em um estabelecimento de prostituição. Uma das pesquisas é um estudo etnográfico das práticas das relações estabelecidas entre clientes e garotas de programa em uma casa de prostituição, situada em uma cidade do interior do Maranhão, Brasil, mais especificamente, o local é uma rota de fluxo de caminhões que se utilizam da rodovia federal para fugir da fiscalização de outras vias do país. A casa de prostituição em questão é situada na saída da cidade, é passagem de caminhoneiros e viajantes, mas também é frequentada pelos habitantes da própria cidade que, conforme observamos, são clientes constantes nesse ambiente, seja para consumir bebidas alcoólicas, conversar com amigos ou com as garotas, ouvir música, e como lógica dele, a busca de sexo.

O lugar, à primeira vista, passa despercebido como um local de prostituição por se caracterizar mais como um bar aos que transitam pelas ruas, o espaço é rodeado por uma pequena vizinhança que se mostra naturalizada com as práticas ali desenvolvidas, tendo um fluxo relativamente constante de motocicletas e pedestres, tanto a procura do local, quanto de moradores e visitantes da pequena vizinhança.

A segunda pesquisa em andamento está em desenvolvimento em um ambiente de prostituição de mulheres, situado na cidade da Zona da Mata mineira, a casa de prostituição, como era denominada pelos frequentadores, localiza-se, assim como outra citada aqui, em uma rodovia federal "BR". Local de chegadas e partidas, o estabelecimento encontra-se em local estratégico, distante do restante da cidade. O fato das garotas que trabalham ali também habitarem aquele espaço, tendo apenas um dia de folga, tornam aquele lugar ainda mais apartado do cotidiano dos demais moradores do município. Situadas e sitiadas, suas existências e as práticas que exercem se desenvolvem a partir da construção de uma barreira do restante da cidade, regulando os trânsitos e circulações dessas garotas. Ao cliente, pelo contrário, por mais que estabeleça a mesma prática, não há cerceamento da liberdade.

Para os dois estabelecimentos estudados referências de espaço e lugar se mesclam na construção de símbolos e relações sociais. Se localizam em locais estratégicos da cidade e, dessa forma, estabelecem a partir daí determinados trânsitos e diálogos com o restante da cidade. Se situam próximos à beira dos rios e se camuflam com a paisagem ao redor. Estão dentro do perímetro urbano, mas compartilham de maneira diferenciada o cotidiano das cidades em que estão localizados. De forma ambígua, apresentam-se como que suspensos no tempo e espaço, ao mesmo tempo em que inseridos em certas rotinas que permitem uma certa convivência. Ao trabalharmos a categoria espaço e lugar, é preciso vislumbrar que, ao invés de estanques, essas se relacionam diretamente.

Nos dois estabelecimentos de pesquisa que estão contemplados aqui, a localização descreve relações do entorno. Na cidade mineira, a *boite* está situada em um espaço a parte da rodovia que cruza a cidade. É difícil o acesso, sem luminosidade, em um morro que esconde, como se a mesma não existisse. Chegar e sair, principalmente em determinados horários, requer estratégias pelos visitantes e por quem se interessa em realizar pesquisas. Não é o único estabelecimento que se situa distante do movimento cotidiano da cidade. No estado, ocorreram deslocamentos desses locais para áreas distantes com o objetivo de "limpar" os espaços centrais da cidade. As antigas ruas da "zona" – um dos nomes dados a esses estabelecimentos – passaram a abrigar centros comerciais. São práticas que estabelecem um discurso de que a prostituição é aceita com limites e restrições geográficas e morais.

Na primeira ambientação com o local, o pesquisador pode notar a presença, meio que despercebida, da dona do estabelecimento. Ela observa o fluxo do local e as ações das garotas, podendo até fazer certos gestos para as garotas que denota uma espécie de incentivo para as mesmas estimulem certos clientes a consumirem ainda mais. Ao conversar com uma das garotas ela nos informou que elas são incentivadas a estimular os clientes consumirem para que em troca elas possam residir e trabalhar no local, onde o seu rendimento é integralmente da prática sexual e o pagamento dos quartos onde a prática é feita fica com a casa. Sendo que elas não pagam nada a dona do estabelecimento.

As garotas que trabalham com as práticas sexuais não são da cidade onde a casa se situa, sendo algumas delas, até o momento, de outros estados do Norte, mesmo do Nordeste ou de municípios próprios no Maranhão. Logo, a cidade não é rota apenas para o consumo da prostituição, mas do próprio trabalho oriundo dela.

Assim,

IV. Conclusão

Os diálogos que empreendemos neste pequeno artigo, como tentativa de aproximação dos nossos campos de pesquisa, tiveram por objetivo mapear percepções, perspectivas e compreensões acerca da prática da prostituição. Nosso intuito foi levantar questionamentos que buscam elucidar como os espaços de prostituição se constituem em duas diferentes regiões brasileiras, os estigmas e representações enfrentados, paradoxalmente ao que a prostituição é vista em dois romances nacionais.

Enquanto no cotidiano (seja no interior do Maranhão ou na Zona da Mata mineira) das profissionais, essas são vistas de forma marginalizadas, aquém de políticas públicas desde o início do século XX, sendo afastadas da comunidade em que vivem visando higiene e sanitização, simultaneamente, são necessárias para conter a “sanha” e o predatismo heteronormativo.

Os romances escolhidos, por adentrarem no movimento modernista brasileiro, trazem consigo discussões e reflexões acerca dos tabus e problemáticas enfrentadas pela sociedade que marginaliza e utiliza-se das prostitutas. Todavia, a realidade é mais dolorida e cruel, nossas pesquisas destacam como o *estigma* da prostituição recai de modo diferenciado entre clientes e garotas de programa, construindo barreiras, fronteiras simbólicas, estabelecendo dinâmicas de poder que perfazem as relações estabelecidas pelos diferentes agentes que circulam, vivenciam e habitam esses espaços em que o sexo é apenas uma das moedas de troca.

Com esta pesquisa, pudemos analisar que a prática da prostituição, ao longo da história, foi algo combatido para a manutenção da moral e bons costumes de uma sociedade arraigada de contradições e em transformação; suportada como um *mal necessário*, para a manutenção da família burguesa e seu modelo nuclear.

Por fim, acreditamos que o assunto não está próximo de encerrar, uma vez que a sociedade vem passando por mudanças (Globalização, Guerras ao Terror, massivo uso das redes sociais, Pandemia Covid-19), dentre tantas outras, que fornecem campo para reflexões acerca de como o ambiente da prostituição pode ter de se adaptar a ele, uma vez que a sociedade continua a se utilizar dele.

Referências Bibliográficas

- [1] Adorno, Theodor W. Educação E Emancipação. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio De Janeiro, 3ª Edição, Editora: Paz E Terra, 1995a.
- [2] Alencar, José. Lucíola. 27. Ed. São Paulo: Ática, 2002.
- [3] Andrade, Mário De. Amar, Verbo Intransitivo - Idílio. Belo Horizonte- Rio De Janeiro: Villa Rica, 1995.
- [4] Becker, Howard S. Conferência A Escola De Chicago. Mana – Estudos De Antropologia Social, V. 2, N. 2, Out/ 1996. P. 177-188.
- [5] Candido, Antônio. Literatura E Sociedade. 9. Ed. Rio De Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006
- [6] Cardoso De Oliveira, Roberto. O Trabalho Do Antropólogo. 2.Ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- [7] Cunha, Maria Isabel. Os Conceitos De Espaço, Lugar E Território Nos Processos Analíticos Da Formação Dos Docentes Universitários. Revista Educação Unisinos: V.12. N.3, Setembro-Dezembro, 2008 Apud Thiesen, Juarez Da Silva. Geografia Escolar: Dos Conceitos Essenciais Às Formas De Abordagem No Ensino. Geografia, Ensino E Pesquisa, V. 15, N.1, Jan./ Abr. 2011.
- [8] Foucault, Michel. História Da Sexualidade 1: A Vontade De Saber, Tradução De Maria Thereza Da Costa Albuquerque E J. A. Guilhon Albuquerque. – 7ª Ed. – São Paulo: Paz E Terra, 2018, P. 152.
- [9] Geertz, Clifford. A Interpretação Das Culturas. 1.Ed.- [Reimp.]. – Rio De Janeiro: Lct, 2012.
- [10] Levi-Strauss, Claude. As Estruturas Elementares Do Parentesco. Petrópolis/Rj: Vozes, 1982.
- [11] Mazzariol, Regina. Mal Necessário: Ensaio Sobre O Confinamento Da Prostituição Na Cidade De Campinas. Dissertação De Mestrado, Universidade Estadual De Campinas, 1976.
- [12] Murphy, Emmett. História Dos Grandes Bordaís Do Mundo. Porto Alegre: Editora Artes E Ofícios, 1994.
- [13] Pasini, Elisiane. “Corpos Em Evidência”, Pontos Em Ruas, Mundos Em Pontos: A Prostituição Na Região Da Rua Augusta Em São Paulo. Dissertação (Mestrado Em Antropologia Social) - Programa De Pós-Graduação Em Antropologia Social Da Universidade Estadual De Campinas, Campinas, 2000.
- [14] Pasini, Elisiane. Homens Da Vila: Um Estudo Sobre Relações De Gênero Num Universo De Prostituição Feminina. 2005. 272 F. Tese (Doutorado Em Ciências Sociais) - Programa De Pós-Graduação Em Ciências Sociais Da Universidade Estadual De Campinas, Campinas, 2005.

- [15] Pasini, Elisiane. Práticas De Valentias: Uma Pesquisa Etnográfica Na Vila Mimosa. In: O Espírito Da Antropologia: Tecendo Linhagens Homenagem A Claudia Fonseca. Jurema Brites E Flávia De Mattos Motta (Org.). 1. Ed. Santa Cruz Do Sul: Edunisc, 2017, P. 207-237
- [16] Pereira, Amanda Gomes. Estudos Sobre Prostituição: Uma Revisão Da Bibliografia Sobre O Tema E Sua Inserção No Campo Dos Estudos De Gênero. Dossiê Câmara Municipal, Revista História - Ano 5, Volume 1, Número 1, Ano 2014.
- [17] Pereira, Amanda Gomes. Um Bonde Chamado Afeto: Descrevendo As Conexões Numa Casa De Prostituição Feminina. Dissertação (Mestrado Em Ciências Sociais) – Programa De Pós-Graduação Em Ciências Sociais Da Universidade Federal De Juiz De Fora, Juiz De Fora, 2010.
- [18] Rago, Margareth. Do Cabaré Ao Lar: A Utopia Da Cidade Disciplinar: Brasil 1890-1930. 3. Ed. São Paulo: Paz E Terra, 1997.
- [19] Ramos, Ramisson Correa. Macho E/Ou Cliente? As Performances E A Construção Dos Papéis De Gênero Em Estabelecimentos De Prostituição De Mulheres No Município De São Luís/ Maranhão. Dissertação (Mestrado Em Cultura E Sociedade) - Programa De Pós-Graduação Em Cultura E Sociedade Da Universidade Federal Do Maranhão, São Luís-Ma, 2023.
- [20] Rubin, Gayle. O Tráfico De Mulheres: Notas Sobre Uma “Economia Política” Do Sexo. Recife: Editora Sos Corpo, 1993.